

Resolução de Questões Específicas de Literatura da FUVEST, UNICAMP e UNESP (2)

E U
P A S-
S O

T U
P A S-
S A S

E L E
R A-
L A

Resolução de Questões Específicas de Literatura da FUVEST, UNICAMP e UNESP (2)

Texto para as questões de 1 a 3.

Omolu espalhara a bexiga na cidade. Era uma vingança contra a cidade dos ricos. Mas os **ricos tinham a vacina, que sabia Omolu de vacinas? Era um pobre deus das florestas d'África.** Um deus dos negros pobres. Que podia saber de vacinas? Então a bexiga desceu e assolou o povo de Omolu. Tudo que Omolu pôde fazer foi transformar a bexiga de negra em alastrim, bexiga branca e tola. Assim mesmo morreria negro, morreria pobre. Mas Omolu dizia que não fora o alastrim que matara. Fora o lazareto*. Omolu só queria com o alastrim marcar seus filhinhos negros. O lazareto é que os matava. Mas as macumbas pediam que ele levasse a bexiga da cidade, levasse para os ricos latifundiários do sertão. Eles tinham dinheiro, léguas e léguas de terra, mas não sabiam tampouco da vacina. O

Omolu diz que vai pro sertão. E os negros, os ogãs, as filhas e pais de santo cantam:

Ele é mesmo nosso pai

e é quem pode nos ajudar...

Omolu promete ir. Mas para que seus filhos negros não o esqueçam avisa no seu cântico de despedida:

Ora, adeus, ó meus filhinhos,

Qu'eu vou e torno a vortá...

E numa noite que os atabaques batiam nas macumbas, numa noite de mistério da Bahia, Omolu pulou na máquina da Leste Brasileira e foi para o sertão de Juazeiro. A bexiga foi com ele.

(Jorge Amado, Capitães da Areia.)

*lazareto: estabelecimento para isolamento sanitário de pessoas atingidas por determinadas doenças.

1. (FUVEST) Considere as seguintes afirmações referentes ao texto de Jorge Amado:

I. Do ponto de vista do excerto, considerado no contexto da obra a que pertence, a religião de origem africana comporta um aspecto de resistência cultural e política.

II. Fica pressuposta no texto a ideia de que, na época em que se passa a história nele narrada, o Brasil ainda conservava formas de privação de direitos e de exclusão social advindas do período colonial.

III. Os contrastes de natureza social, cultural e regional que o texto registra permitem concluir corretamente que o Brasil passou por processos de modernização descompassados e desiguais.

Está correto o que se afirma em

- a) I, somente.
- b) II, somente.
- c) I e II, somente.
- d) II e III, somente.
- e) I, II e III.

2. (FUVEST) Costuma-se reconhecer que *Capitães da Areia* pertence ao assim chamado **“romance de 1930”**, que registra importantes transformações pelas quais passava o Modernismo no Brasil, à medida que esse movimento se expandia e diversificava. No excerto, considerado no contexto do livro de que faz parte, constitui marca desse pertencimento

- a) o experimentalismo estético, de caráter vanguardista, visível no abundante emprego de neologismos.
- b) o tratamento preferencial de realidades bem determinadas, com foco nos problemas sociais nelas envolvidos.
- c) a utilização do determinismo geográfico e racial, na interpretação dos fatos narrados.
- d) **a adoção do primitivismo da “Arte Negra” como modelo formal, à semelhança do que fizera o Cubismo europeu.**
- e) o uso de recursos próprios dos textos jornalísticos, em especial, a preferência pelo relato imparcial e objetivo.

3. (FUVEST) Apesar das diferenças notáveis que existem entre estas obras, um aspecto comum ao texto de *Capitães da Areia*, considerado no contexto do livro, e *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, é

- a) a consideração conjunta e integrada de questões culturais e conflitos de classe.
- b) a reprodução fiel da variante oral-popular da linguagem, como recurso principal na caracterização das personagens.
- c) o engajamento nas correntes literárias nacionalistas, que rejeitavam a opção por temas regionais.
- d) o emprego do discurso doutrinário, de caráter panfletário e didatizante, próprio do **“realismo socialista”**.
- e) o tratamento enfático e conjugado da mestiçagem racial e da desigualdade social.

As questões de números 4 a 5 tomam por base um trecho da conferência *Sobre algumas lendas do Brasil*, de Olavo Bilac (1865-1918), e um soneto do mesmo autor, utilizado por ele para ilustrar seus argumentos.

Sendo cada homem todo o universo, tem dentro de si todos os deuses, todas as potestades superiores e inferiores que dirigem o universo. (Tudo, se existe objetivamente, é porque existe subjetivamente; tudo existe em nós, porque tudo é criado e alimentado por nós). E esta consideração nos leva ao assunto e à explanação do meu tema. Existem em nós todas as entidades fantásticas, que, segundo a crença popular, enchem a nossa terra: são sentimentos humanos, que, saindo de cada um de nós, personalizam-se, e começam a viver na vida exterior, como mitos da comunhão.

Tupã, demiurgo criador, e o seu Anhangá, demiurgo destruidor. É o eterno dualismo, governando todas as fases religiosas, toda a história mitológica da humanidade. Já entre os persas e os iranianos, na religião de Zoroastro, havia um deus de bondade, Ormuz, e um deus de maldade, Ahriman. A religião de Manés, na Babilônia, não criou a ideia do dualismo; acentuou-a, precisou-a; a base da religião dos maniqueus era a oposição e o contraste da luz e da treva: o mundo visível, segundo eles, era o resultado da mistura desses dois elementos eternamente inimigos. Mas em todos os grandes povos, e em todas as pequenas tribos, sempre houve, em todos os tempos, a concepção desse conflito: e esse conflito perdura no catolicismo, fixado na concepção de Deus e do Diabo. Os nossos índios sempre tiveram seu Tupã e o seu Anhangá... Ora, o selvagem das margens do Amazonas, do São Francisco e do Paraná compreende os dois demiurgos, porque os sente dentro de si mesmo. E nós, os civilizados do litoral, compreendemos e contemos em nós esses dois princípios antagônicos, Deus e o Diabo. Cada um de vós tem uma arena íntima em que a todo o instante combatem um gênio do bem e um gênio do mal:

Não és bom, nem és mau: és triste e humano...

Vives ansiando em maldições e preces,
Como se, a arder, no coração tivesses
O tumulto e o clamor de um largo oceano.

Pobre, no bem como no mal, padeces;
E, rolando num vórtice vesano*,
Oscilas entre a crença e o desengano,
Entre esperanças e desinteresses.

Capaz de horrores e de ações sublimes,

Não ficas das virtudes satisfeito,
Nem te arrependes, infeliz, dos crimes:

E, no perpétuo ideal que te devora,
Residem juntamente no teu peito
Um demônio que ruge e um deus que chora...

* Vesano: louco, demente, delirante, insensato.

(Últimas conferências e discursos, 1927.)

4. (UNESP) O conferencista Olavo Bilac sugere que, apesar da diferença de credos, as religiões se filiam a um mesmo princípio. Que princípio é esse e o que origina no âmbito religioso?

5. (UNESP) No soneto, Bilac explicita sua concepção do homem. Apresente o aspecto mais importante dessa concepção.

6. (UNICAMP) Leia os excertos a seguir.

Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito... Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? Não sabia.

(Graciliano Ramos, Vidas secas. 118ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 25.)

Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e saía. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos.

(Graciliano Ramos, Vidas secas. 118ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 35.)

a) Nos excertos citados, a seca e a falta de educação formal afetam a existência das personagens. Levando em conta o caráter crítico e político do romance, relacione o problema da seca com a questão da escolarização no que diz respeito à personagem Fabiano.

b) **“Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares.”** Descreva uma passagem do romance em que, por não saber ler e escrever, Fabiano é prejudicado e não consegue se defender.

7. (UNICAMP)

Os ombros suportam o mundo
Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.

Em vão as mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
És todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.
Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
prefeririam (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.

(Carlos Drummond de Andrade, Sentimento do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.51.)

- a) Na primeira estrofe, o eu lírico afirma categoricamente que “o coração está seco”. Que imagem, nessa primeira estrofe, explica o fato de o coração estar seco? Justifique sua resposta.
- b) O último verso (“A vida apenas, sem mistificação”) fornece para o leitor o sentido fundamental do poema. Levando-se em conta o conjunto do poema, que sentido é sugerido pela palavra “mistificação”?

Gabarito

1. Letra E.
2. Letra B.
3. Letra A.
4. Segundo Bilac, as religiões filiam-se a um mesmo princípio: “o eterno dualismo”. Em qualquer delas, sejam politeístas ou monoteístas, existiria o antagonismo: “um gênio do bem” e “um gênio do mal”. O que o originaria, no âmbito religioso, seria o sentimento conflituoso do ser humano, que o projetaria exteriormente em seus símbolos ou mitos. (Gabarito Curso Objetivo)
5. A essência da concepção de Bilac sobre a natureza humana é a contradição constante. Em vários versos, aparece esse dualismo tenso e inconciliável: **“Oscilar entre maldições e preces/, capaz de horrores e de ações sublimes / Residem juntamente no teu peito / Um demônio que ruge e um deus que chora”**. Desse conflito, decorreriam a ânsia e a triste condição humana. (Gabarito Curso Objetivo)
6. a) Espera-se que o candidato seja capaz de argumentar que o problema da seca não se restringe à questão da ausência das chuvas, a uma fatalidade da natureza, portanto, mas diz respeito ao modo de organização social e política da sociedade brasileira, que priva seus cidadãos dos meios necessários, no caso, a educação formal, para lidar com os imensos desafios postos pelo ambiente físico e pela vida social. (Gabarito oficial UNICAMP)
b) Espera-se que o candidato explicita situações narrativas do romance nas quais a falta de instrução de Fabiano condena-o à opressão social e à situação de humilhação. Uma cena paradigmática, que vincula a opressão social à falta de educação formal, encontra-se, por exemplo, no capítulo “Contas”, no qual Fabiano não consegue negociar com o patrão os valores calculados por sinhá Vitória, justamente por não dominar os códigos da escrita e leitura. (Gabarito oficial UNICAMP)
7. a) A imagem que se conecta à secura do coração é expressa no seguinte verso: **“E os olhos não choram”**. O coração, como símbolo dos sentimentos humanos, vive um **“tempo de absoluta depuração”**, processo este de que resulta o **“coração seco”**. Ora, o **“coração está seco”** porque, para o eu lírico, não é possível estabelecer com a vida uma relação simbólica a partir de afetos (amor, amizade) ou de crenças. (Gabarito oficial UNICAMP)
b) Desde a primeira estrofe até a última, o eu lírico procura colocar-se numa situação de **extrema lucidez em relação a sua experiência pessoal**. Não dizer mais **“meu Deus”** ou **“meu amor”**, ou não abrir a porta para as mulheres e nada esperar dos amigos, significa contar somente com suas forças e se recusar a ser enganado por algo ou por alguém. Aliás, o sentido da palavra **“mistificação”** abarca o campo semântico das ideias de ilusão,

engodo, fantasia e embuste. Espera-se que o candidato perceba que “a vida apenas, sem mistificação” representa a decisão firme do eu lírico em contar apenas com suas próprias forças, o que está sugerido no título do poema: “Os ombros suportam o mundo”.
(Gabarito oficial UNICAMP)